



Reserva da Província de Urucu, a 623 quilômetros de Manaus, possui 90 bilhões de metros cúbicos de gás natural; atualmente, gastos com energia correspondem a 30% dos custos da indústria do Amazonas

Urucu, a grande esperança da Amazônia

Com a exploração do gás natural, preço do megawatt/hora na região deve cair de R\$120, um dos mais caros do País, para menos da metade

LIVIO ORICCHIO

De dois a três anos apenas. Esse é o prazo que a Amazônia terá de esperar para começar a sanar aquilo que ao longo de mais de um século foi o maior obstáculo para o seu desenvolvimento: a falta de energia. Dia 14 termina o prazo de licitação para as empresas que desejam investir na exploração comercial da fantástica reserva de 90 bilhões de metros cúbicos de gás natural da província de Urucu.

Será a partir desse projeto quase inócuo à natureza que a região conquistará sua auto-suficiência energética. "A geografia econômica da Amazônia será outra. Trata-se do advento mais importante depois da instalação da Zona Franca de Manaus", afirma Samuel Hanan, vice-governador do Estado do Amazonas.

É bastante simples compreender o que acontecerá depois que o gasoduto ou mesmo barcas passarem a transportar o gás natural de Urucu para as usinas termelétricas, transformando-o em eletricidade. Hoje elas funcionam

com óleo combustível. O megawatt/hora (MWh) custa na região, atualmente, US\$ 120, o preço mais elevado do País. Com a utilização do gás, passa a custar menos da metade. Além, claro, das garantias que representa o fato de não depender de fornecedores externos ou de outras áreas distantes do Brasil. "Os gastos com energia correspondem a 30% dos nossos custos", diz José Nasser, presidente da Fieam (Federação das Indústrias do Estado do Amazonas), entidade de 540 empresas que empregam 53 mil trabalhadores e faturou US\$ 9 bilhões no ano passado.

A disponibilidade de energia a um custo mais acessível terá reflexo em toda a economia da região, além de representar uma redução significativa nos subsídios de US\$ 460 milhões da Conta Corrente de Combustível (CCC), paga pelo governo federal. "Por que não passarmos a beneficiar os minérios da Amazônia, como o Manganês de Carajás, na própria Amazônia?", questiona Hanan. A descentralização da indústria é outra das vantagens de se ter eletricidade no

RESERVA FICA NO CORAÇÃO DA SELVA

Urucu encontra-se a 911 quilômetros, via fluvial, e a 623, em linha reta, de Manaus. Já existe um gasoduto pronto, sem uso, paralelo ao oleoduto, de 285 quilômetros, até Coari, no Solimões.



Estado do Amazonas. "As regiões não só com vocação industrial, mas também agrícola e para a pecuária e que não se desenvolvem por falta de energia e transporte terão maior oportunidade agora", observa o presidente da Fieam. "Iranduba poderá produzir mais cerâmicas, Parintins, no médio Amazonas, terá como incrementar sua pecuária, Itacoatiara, sua produção de soja, e Maués, a de guaraná."

Urucu acha-se a 623 quilômetros de Manaus, por via aérea. Já existe um gasoduto pronto, mas não em uso, entre os poços da área e o porto de Coari, no Solimões, com extensão de 285 quilômetros. A Petrobrás explora o petróleo de Urucu, de onde extrai 55 mil barris/dia e ainda 1.110 toneladas/dia de gás de cozinha (GLP), quantidade suficiente para abastecer toda a Região Norte do País e ainda o Estado do

Maranhão. O gás natural que provém dos poços com o petróleo, 6 milhões de metros cúbicos por dia, é reinjetado por não ter ainda uso comercial. "A Petrobrás explora e produz o gás mas não comercializa. Sem dúvida que a empresa pretende ter lucro sobre o elevado investimento feito até agora", destaca Bento Daher Júnior, gerente de Suporte Operacional e Técnico. A Petrobrás é um dos quatro grupos empresariais que está na licitação para a exploração comercial do gás natural. "A bacia do Solimões tem nítida vocação para gás - 83% da reserva -, mas é difícil deslocar ver-

bas para novas perfurações se o que produzimos tem de voltar para o poço", explica o técnico. A expectativa é de que as reservas sejam bem mais elevadas que as detectadas até o momento. "Se computarmos um crescimento de 6% ao ano, nossa autonomia energética será de 30 anos, só com o que hoje já existe de gás", diz Hanan.

A estimativa inicial de investimento para o transporte do gás de Urucu até as usinas termelétricas instaladas em alguns dos 62 municípios do Estado, incluindo-se Manaus, é de US\$ 350 milhões, segundo José Fernando Pereira da Silva, presidente da Cigas (Companhia de Gás do Estado do Amazonas). Cada grupo empresarial concorrente tem um estudo para o sistema de transporte: gasoduto, barcas com gás comprimido ou gás liquefeito.

"Se a opção for por barcas, em janeiro de 2003 o gás já estará disponível", projeta Pereira da Silva. O interesse pela nova era que passará a região é tal que até o Senai já começou a desenvolver estudos para a formação de mão de obra especializada. "O futuro da Amazônia passa pelo gás, sem dúvida", diz Demóstenes Travessa, gerente do Centro de Formação Profissional.

MEDIDA TERÁ REFLEXO EM TODA A ECONOMIA

Empresa vencedora terá grandes desafios

A receita financeira para o vencedor da concorrência de exploração comercial do gás natural de Urucu está praticamente garantida, por causa da falta de energia na Amazônia, mas os desafios a serem enfrentados não são pequenos. Em primeiro lugar acha-se a questão ambiental: a opinião pública de todo o mundo estará atenta ao que essas empresas farão na região. Depois, a grande distância entre os municípios, algumas vezes bem maiores do que as que separam países da Europa. A oscilação do nível dos rios, muito grande entre os períodos de seca e de chuvas, é mais um problema, explica Samuel Hanan, vice-governador do Amazonas e um estudioso da região.

"A escolha do vencedor provém do melhor pacote nos requisitos tarifa, impacto ambiental, segurança, tempo de implantação e capacidade de beneficiar o maior número de cidades servidas", diz Hanan. Serão exigidos os mais variados certificados das empresas, como ISO 9001, ISO 14001 e BS 8800. O gerente

de Suporte Operacional e Técnico da Petrobrás, Bento Daher Júnior, acredita que em outubro já será possível saber quem implantará os serviços de transporte do gás e de que forma isso será feito. "Em alguns pontos do trajeto do gasoduto, se a escolha for por esse método, a tubulação terá de passar sob o leito dos rios, em túneis", conta Daher, para ilustrar algumas das dificuldades técnicas do projeto.

Edital - O presi-

dente Fernando Henrique Cardoso lançou edital para a utilização do gás de Urucu no dia 24 de julho. Há ainda um pouco mais de um mês, até 14 de setembro, para que os interessados encaminhem suas propostas. Por enquanto, quatro já as apresentaram: Petrobras Gás SA, American Commercial Lines International, PetroAmazon-Petróleo da

Amazônia Ltda e Sociedade Fogas Ltda. O vencedor fica com 49% das ações ordinárias da empresa, com direito a voto, e com 100% das preferenciais. A Companhia de Gás do Estado do Amazonas, estatal, detém 51% das ações ordinárias.

Atualmente, 75% da energia elétrica disponível no Amazonas provém de termoeletrículas alimentadas por óleo combustível. Os outros 25% são gerados pela hidrelétrica de Balbina, a 107 quilômetros de Manaus. Inicialmente, o projeto de uso do gás natural prevê a transformação de 2,5 milhões

de metros cúbicos por dia, o que geraria 400 MW de energia elétrica. A capital do Estado consome 550 MW por dia. Quando toda a capacidade do sistema de gás estiver operando, em dois ou três anos, a geração se elevará em 800 MW.

Província é exemplo de respeito à natureza

Quem visita a província de Urucu, recém-batizada de Base de Operações Geólogo Pedro de Moura, e acompanha todos os cuidados da Petrobrás na extração de gás natural e petróleo - um dos melhores do País - não relaciona a empresa a alguns acidentes em que esteve envolvida ultimamente, em locais de ecossistemas menos sensíveis e com menor diversidade animal e vegetal. O programa de gestão ambiental e segurança operacional em Urucu é um dos mais eficientes já implantados, apesar dos elevados riscos da atividade, em plena floresta.

Antes mesmo do início das instalações da base, em 1988, uma comissão de alguns dos maiores especialistas em meio ambiente do País, com representantes do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, da Sociedade para o Progresso da Ciência-SBPC e da Fundação Oswaldo Cruz, dentre outros, foi convocada para orientar a ini-

ciativa. O resultado pode ser facilmente percebido em detalhes como os cuidados dedicados ao lixo produzido, por exemplo, no tratamento da água e na criação de viveiros de espécies nativas, com 180 mil mudas, ou no orquidário, com 2.100 plantas. Toda essa preocupação já valeu à empresa dois importantes certificados, o ISO 9001 e o ISO 14001, e ainda o atestado de conformidade com a BS 8800.

Energia não-poluente - Quatro turbinas que consomem 70 mil metros cúbicos de gás natural por dia, dos 6 milhões de metros cúbicos reinjetados nos poços, geram 20 MW e garantem o fornecimento de energia não poluente para toda a Base de Urucu. Essa mesma tecnologia será utilizada depois que o gás da

província chegar a alguns municípios do Estado. A frota de veículos de Urucu é também movida a gás natural. Esses carros de serviço deslocam-se por 71 quilômetros de estradas pavimentadas que ligam os poços a dois portos localizados no rio Urucu, que localizam-se a 8 e 43 quilômetros da base e permitem o recebimento e o envio de cargas pesadas.

Cerca de 900 profissionais trabalham em 23 diferentes áreas na Base de Urucu, a maior produtora terrestre de petróleo do Brasil. A cada 15 dias retornam para suas origens e ficam 14 dias de repouso, num sistema semelhante ao da ocupação das plataformas submarinas. A área da base não se encontra em nenhuma reserva indígena. Não é permitido aos funcionários caçar ou pescar. (L.O.)

PETROBRÁS PRESERVA VEGETAÇÃO NATIVA